

Direita cristã: eles construíram um demônio e chamaram de Deus

A Bíblia erguida no palanque não é um símbolo de fé.

É um sigilo.

*Spare, Lévi, Jung, Leary — e o que o cristão sincero
não consegue ver de dentro.*

Fábio Costa · Mestre em Física, Teólogo e Magista

11 de junho de 2026



Ano de eleição no Brasil. O palanque está montado, a Bíblia está erguida, o hino está tocando. O pastor declara ungido o candidato, a multidão grita amém, e o dinheiro do dízimo financia o impulsionamento do post. Tudo parece religião. **Nada disso é religião.**

É magia operativa executada por pessoas que não sabem que estão fazendo magia — o que, do ponto de vista da eficácia, é exatamente o mesmo. E do ponto de vista do risco, é **consideravelmente pior.**

Não estou atacando a fé cristã. Estou descrevendo a tecnologia de poder que a usa como combustível. *A vítima principal da direita cristã como egregor político não é a esquerda. É o cristão sincero que está sendo consumido pela entidade que ajudou a alimentar.* O bezerro de ouro era um egregor. A diferença é que o povo no Sinai sabia que estava fazendo um ídolo.

PARTE I

Os oito circuitos e a política que opera só nos quatro primeiros

Em 1957, Timothy Leary começou a desenvolver o modelo dos oito circuitos de consciência, sistematizado depois por Robert Anton Wilson em *Prometheus Rising*, de 1983. A ideia central é simples e devastadora: a mente humana opera em camadas. Os quatro primeiros circuitos são evolutivamente antigos, pré-verbais, e governam a maior parte do comportamento cotidiano. Os quatro últimos são raramente ativados na população geral.

Segurança, território, ameaça de morte. Ativado pelo discurso do medo: **"se ele ganhar, o país acaba."** Quando ligado, o córtex pré-frontal desacelera. Você para de raciocinar. É neurologia, não fraqueza moral.

Dominância, submissão, hierarquia. **O comício é um ritual de circuito 2 puro** — o líder ungido no palco, a massa embaixo, a performance de força que exige deferência.

Linguagem, lógica, argumento. É o circuito que o eleitor *acha* que usa. Na prática, 1 e 2 já decidiram. **O 3 produz a justificativa** — que o eleitor confunde com raciocínio.

Identidade de grupo, pertencimento, lealdade. Quem sai é tratado como traidor, não como discordante — porque do ponto de vista do circuito 4, **traição é literalmente o que está acontecendo.**

Neuroelétrico, metaprogramático, morfogenético, não-local. Raramente ativados. Associados a experiência mística e pensamento sistêmico. *Nenhum eleitorado de massa foi conquistado por eles. Jamais.*

A direita cristã brasileira é a operação mais eficiente dos últimos trinta anos porque **ativa os quatro circuitos ao mesmo tempo** — com música, medo, língua própria e identidade tribal — num único culto dominical.

PARTE II

A Bíblia erguida no palanque não é fé. É um sigilo.

Austin Osman Spare, o mago inglês que desenvolveu a teoria dos sigilos no início do século XX, descreveu um

mecanismo simples: você cria um símbolo carregado de intenção, desvincula esse símbolo do desejo consciente — de forma que opere abaixo da censura racional — e o implanta no inconsciente, onde age sem resistência. **O sigilo não precisa ser compreendido. Precisa ser sentido.**

Observe o que acontece quando um candidato ergue a Bíblia no palanque diante de vinte mil pessoas. Nenhum versículo é lido. Nenhuma doutrina é transmitida. O que é transmitido é uma carga emocional — pertencimento, autoridade divina, unção, legitimidade sagrada — que bypassa completamente o circuito 3 e vai direto aos circuitos 1 e 2. O objeto funciona como sigilo: carregado de intenção coletiva, desvinculado de conteúdo semântico preciso, operando no inconsciente da multidão.

Spare chamaria isso de magia kia — a corrente de vida impessoal que flui pelo símbolo quando o ego individual se dissolve no grupo. Crowley chamaria de invocação. Os pentecostais chamam de mover do Espírito. A fenomenologia é a mesma. Muda o vocabulário. A entidade não se importa com o vocabulário.

PARTE III

O partido como egregor, o pastor como operador

Éliphas Lévi descreveu o egregor em 1855 como uma entidade produzida por um grupo humano que adquire existência própria e passa a influenciar de volta os que a criaram. A via é de mão dupla: o grupo alimenta a entidade com atenção, emoção e ritual; a entidade, uma

vez formada, age com agência própria que **supera a intenção dos fundadores.**

Música repetitiva que induz estado alterado — circuito 5 brevemente aberto, janela para implantação de crença. Discurso que alterna medo e alívio — circuito 1 em ciclo de estresse e recompensa, **condicionamento pavloviano clássico.** Coleta financeira no pico emocional — momento em que a resistência racional está no mínimo.

Todo egregor robusto precisa de um adversário para manter coesão interna. O comunismo, a ideologia de gênero, George Soros, o globalismo — variável conforme a necessidade, mas sempre presente. **O inimigo não precisa ser real. Precisa ser aterrorizante o suficiente** para manter o circuito 1 ativado e o circuito 3 desligado.

No sentido técnico preciso do termo. A estrutura do culto executa um ritual de magia operativa mais eficiente do que a maioria dos rituais ocultistas — precisamente porque *os participantes não sabem que é ritual.* Crowley sabia o que estava fazendo. O pastor nem sempre sabe. **A entidade não se importa.**

PARTE IV

O Salvador invocado, não eleito

Carl Jung identificou o arquétipo do Salvador como uma das estruturas mais poderosas do inconsciente coletivo — e das mais perigosas quando projetado sobre um indivíduo real. Quando a ansiedade coletiva atinge determinado limiar, o inconsciente grupal busca uma

figura sobre a qual projetar a totalidade da esperança de redenção. Não um administrador competente. **Um Salvador.** Alguém ungido, escolhido, diferente dos outros.

Jung chamou de *inflação do ego* o que acontece com o líder que aceita essa projeção: ele começa a se identificar com o arquétipo, perde a fronteira entre o eu histórico e a figura mítica, e passa a acreditar na própria unção. É nesse ponto que a política se torna messianismo — e o messianismo, quando frustrado, se torna perseguição e violência, porque o crente que investiu a totalidade de sua esperança num Salvador humano não consegue processar a derrota como resultado político normal. Para ele, é uma derrota cósmica.

Ernst Cassirer escreveu *O Mito do Estado* em 1946 observando o nazismo de dentro: o Estado moderno ressuscita deliberadamente o pensamento mítico como ferramenta de poder, porque o pensamento mítico não distingue símbolo de realidade, não tolera ambiguidade, e **entrega a vontade individual sem resistência.**

O que Cassirer viu na Alemanha dos anos 30, qualquer analista atento vê no Brasil evangélico dos anos 20. A estrutura é a mesma. A escala é diferente. A velocidade — graças às redes sociais — é incomparavelmente maior.

O mito que não precisa ser verdadeiro para funcionar

Georges Sorel, em *Reflexões sobre a Violência*, de 1908, enunciou o conceito mais honesto da teoria política moderna: o **mito social**. Uma narrativa que mobiliza massas não porque seja verdadeira, mas porque é eficaz. O mito não descreve a realidade. Ele a substitui por uma realidade mais simples, mais dramática, e mais habitável para quem precisa de orientação num mundo complexo.

O mito da direita cristã brasileira tem estrutura precisa. Havia um Brasil cristão e virtuoso. Forças do mal — nomeáveis, personificáveis, de preferência estrangeiras — corromperam esse Brasil. Um líder ungido foi enviado para restaurar a ordem original. Quem se opõe a ele se opõe a Deus. A narrativa é fechada, autoimune à evidência contrária, e extraordinariamente eficaz como mobilizador.

O candidato que existe na TV não é o candidato real. É um simulacro que substituiu o original. **A eleição é uma guerra entre imagens**, não entre pessoas com posições verificáveis.

A história se naturaliza — o construído parece inevitável, o contingente parece eterno. Quando o pastor diz que Deus escolheu o candidato, **está transformando escolha em destino**.

Quanto maior o investimento emocional, menos evidência o crente processa. **A derrota não desinfla o egregor**. Frequentemente o fortalece — porque a perseguição

confirma a narrativa.

PARTE VI

A teologia da prosperidade como magia simpática

James George Frazer descreveu a magia simpática em *O Ramo de Ouro* em 1890: o princípio de que o semelhante produz o semelhante, que o ritual propiciatório garante o favor das forças superiores. Estava falando de povos tribais da Melanésia. A teologia da prosperidade opera pelo mesmo princípio **sem uma vírgula de diferença.**

O dízimo é um sacrifício propiciatório — você oferece uma fração para receber o todo multiplicado. A fé declarada em voz alta é uma fórmula de invocação — a palavra cria a realidade. A prosperidade material é sinal visível da graça divina — e a pobreza, por inversão lógica necessária, sinal de falha espiritual do indivíduo, não de estrutura social injusta. Se a magia não funcionou, é porque você não acreditou o suficiente — **a mesma blindagem epistemológica que protege qualquer sistema mágico da falsificação empírica.**

Frazer estava descrevendo a religiosidade pré-moderna. A teologia da prosperidade é a versão mais bem-sucedida da magia simpática já lançada no mercado espiritual contemporâneo — com escala industrial, infraestrutura de televisão e finanças, e eleitorado fiel que a replica nas urnas.

O cristão sincero como primeira vítima

Tudo isso precisa ser dito com uma precisão que o sarcasmo fácil frequentemente omite: a maior parte das pessoas que compõem esse eleitorado não são manipuladoras. São manipuladas. O camponês que vai ao culto buscando consolo, o trabalhador que doa o dízimo acreditando que está construindo algo sagrado, a mulher que ora pelo candidato porque o pastor disse que é vontade de Deus — esses são os consumidores primários do egregor, não seus arquitetos.

O alvo da análise não é a fé. **É a instrumentalização da fé.** O operador que entende — consciente ou inconscientemente — que a estrutura emocional do cristão sincero é o melhor combustível disponível para um egregor político: já vem com lealdade tribal embutida, com disposição para sacrifício financeiro, com resistência à dissonância cognitiva calibrada por anos de prática religiosa, e com uma cosmologia que interpreta qualquer questionamento como ataque espiritual.

Leon Festinger descobriu algo contra-intuitivo: quanto maior o investimento emocional e material do crente, menos evidência ele consegue processar contra a crença. A derrota eleitoral não desinfla o egregor. Frequentemente o fortalece — porque a perseguição confirma a narrativa de que as forças do mal são poderosas e o fiel precisa resistir ainda mais.

O que fazer com esse diagnóstico

A prática mágica séria começa pela observação da própria máquina. Não a máquina do adversário. A sua. Por que você reage como reage ao ver a Bíblia erguida no palanque? Qual circuito é ativado — e qual você acha que está usando? Qual egregor você alimenta quando compartilha o post de indignação? Qual arquétipo você projeta quando espera que a esquerda o salve do que a direita fez?

O ceticismo que vale não é o que identifica a magia do outro. É o que identifica a própria. Porque do ponto de vista da eficácia do egregor, não importa se você está do lado do bezerro de ouro ou do lado de quem o derrubou — **importa o quanto de sua atenção e energia você está entregando à entidade.** E eleição, no Brasil de 2026, é o maior ritual de alimentação de egregor do calendário. Com participação compulsória.

A diferença entre o magista e o eleitor médio não é que o magista não participa. É que ele sabe o que está fazendo quando participa. Sabe qual entidade está alimentando, com o quê, e para quê.

Isso é o que separa o ritual da superstição. E é exatamente o que ninguém te ensina numa missa política.

Referências e leituras

- Timothy Leary — *Exo-Psychology* (1977) · modelo original dos oito circuitos
- Robert Anton Wilson — *Prometheus Rising* (1983) · sistematização dos oito circuitos
- Austin Osman Spare — *The Book of Pleasure* (1913) · teoria dos sigilos e magia kia
- Éliphas Lévi — *Dogme et Rituel de la Haute Magie* (1855) · egregor como entidade coletiva
- Carl Gustav Jung — *Aion* (1951) · arquétipo da Sombra e inflação do ego
- Carl Gustav Jung — *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (1954)
- Georges Sorel — *Réflexions sur la Violence* (1908) · mito social como mobilizador
- Ernst Cassirer — *The Myth of the State* (1946) · pensamento mítico como ferramenta política
- Jean Baudrillard — *Simulacres et Simulation* (1981) · simulacro e hiperrealidade
- Roland Barthes — *Mythologies* (1957) · naturalização da história como mito
- James George Frazer — *The Golden Bough* (1890) · magia simpática e sacrifício propiciatório
- Leon Festinger — *When Prophecy Fails* (1956) · dissonância cognitiva e reforço da crença
- Jonathan Haidt — *The Righteous Mind* (2012) · intuição moral e racionalização post hoc
- Hannah Arendt — *The Origins of Totalitarianism* (1951) · propaganda como mundo alternativo

Observação metodológica. Este PDF é gerado a partir do mesmo texto publicado em profabio.com.br. Analogia não é prova: as aproximações entre domínios servem para orientar a investigação, não para encerrá-la.

Versão canônica e atualizada: <https://profabio.com.br/heresias/direita-crista-demonio-chamaram-de-deus>
profabio.com.br